

Nos Bastidores do Cotidiano



Laé de Souza

30ª EDIÇÃO

ECOARTE
EDITORA



Projetos de Leitura

Autor - Laé de Souza

NOS BASTIDORES DO COTIDIANO

O GRUPO PROJETOS DE LEITURA desenvolve várias atividades e projetos de incentivo à leitura em todo o Brasil. São ações em escolas públicas, praças públicas, parques, ônibus metrô, aeroportos, hospitais e doação de livros para instituições filantrópicas.

Em mais uma ação para facilitar o acesso à leitura, os livros do escritor Laé de Souza, utilizados nos projetos do grupo, são disponibilizados, gratuitamente, em pdf.

Projeto
LEITURA no PARQUE



Autor: Laé de Souza



CARAVANA DA LEITURA



Aqui você encontrará dicas, conselhos, receitas, estopins de erros e acertos envoltos num “mix” de realidade e ficção... Muitas vezes você perceberá que a emoção sobrepuja a razão e se perguntará: até onde isso é verdade ou pura invencionice do autor? A resposta ficará a cargo do seu próprio julgamento.

Laé de Souza narra as relações humanas e os complexos dilemas que pessoas comuns, como eu e você, são obrigadas a pensar e repensar. “O Bastidores do Cotidiano” leva-nos a uma reflexão a respeito de nossa própria vida. Uma deliciosa coletânea que inspira, diverte e convida o leitor a viajar nos bastidores do cotidiano, de forma satírica e divertida...

O autor narra sem discrição o que acontece quando se fecham as cortinas dos bastidores do cotidiano, através de crônicas curtas que retratam o imaginário e o dia a dia das pessoas comuns e a complexidade das relações humanas, em uma linguagem coloquial e abordagem bem-humorada. Histórias mirabolantes e sutis desvendam a mítica comum sobre arte, fama, amizade, jogos, tecnologia, beleza e perfeição com personagens marcantes e bem construídos.

Laé de Souza

*NOS BASTIDORES
DO
COTIDIANO*

Crônicas

30ª edição
2018



Copyright © Laé de Souza
Dados Internacionais de Controle (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Laé de
Nos Bastidores do Cotidiano
Crônicas / Laé de Souza. - 30ª edição - SP, SP
Editora Ecoarte, 2018

ISBN - 978-85-87588-37-1

I. Crônicas brasileiras I. Título.

05-9087

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Crônicas: I. Literatura brasileira - 869.93

Assessoria Editorial:

G2R Comunicação

Capa:

Sidney Guerra

Ilustrações:

Kallil Augusto Silveira Singulani e Rucke

Fotografia:

Nivaldo Amorim

Diagramação:

Renato José Andere

Revisão:

João Batista Alvarenga

Índice

Esmeraldo, o garçom	06
Maluco Beleza	09
Padrinho de casamento	13
Regras para o révellion	16
Dentinho	19
Viagem do Armindalino	21
Casa de praia	24
Morreu Zé Pinguinha	26
O grande diretor de teatro	29
Indecisão no Metrô	32
Maluco Beleza no emprego	35
Minha nova doméstica	38
O Astronauta	41
Exemplo de homem	43
Sou Jesus e já voltei	46
Luandécia e sua patroa	49
Reencontrando amigos	52
A volta da Luandécia	55
Coragem de optar pela arte	58
Glossário.....	61
Projetos de Leitura	62
Obras do autor	63

Nota: Na página 61 constam algumas palavras com seus significados (Glossário) para facilitar a compreensão dos textos.

Esmeraldo, o garçom

Esmeraldo servia um bife acebolado, enquanto outro cliente fazia insistentes sinais chamando-o. Ele, fingindo não perceber para não interferir no seu trabalho, atendeu com presteza, e só então deslocou a sua visão à outra mesa (aí que descobri que, quando chamamos um garçom e parece que ele não vê, às vezes, está vendo e finge que não vê). Acostumado com os tipos e, pela cara, sentiu que era reclamação, e era mesmo. O sujeito, irritado, sentia-se indignado com a refeição. O macarrão estava grudado e o molho salgado.

Esmeraldo, educadamente, perguntou:

- Como é o seu nome, senhor?

O cliente, mais irritado ainda, respondeu:

- Jonas.

- Pois é, senhor Jonas, vou lhe explicar como funcionam as coisas - disse-lhe Esmeraldo.

- A minha função aqui é a logística. Ou seja, coeto os pedidos do cliente, passo para a copa, que o manda à cozinha. Daí para a frente, não interfiro em nada, até que eu ouça dois toques da sineta, o sinal de que o meu pedido está à disposição. Então, apanho a mercadoria, vejo se está bem separada, cada qual em sua bandeja e faço a distribuição para os clientes. Quanto a verificar se os produtos estão perfeitos, se a qualidade é boa, foge ao meu alcance e, se o fizesse, estaria me intrometendo no trabalho de outro setor, com

o que o senhor há de concordar, seria antiético. Agora, é responsabilidade minha e o senhor pode me chamar a atenção que eu vou abaixar a cabeça, se ocorreu alguma coisa que me diz respeito, como: seu pedido veio trocado? Sua cerveja chegou quente? O refrigerante *diet* da sua esposa e as cocas normais dos seus filhos não vieram certinhos, como pedidos? Sua comida veio misturada, decorrente do transporte da copa até a sua mesa? Deixei cair um copo ou derramei molho na mesa ou em algum dos senhores? O senhor pode não ter percebido, senhor Jonas, mas assim que a sineta tocou, corri para trazer sua refeição. Se houve demora, foi lá para dentro, mas não no serviço de distribuição. Agora, se o senhor quer fazer reclamação do serviço da produção, posso chamar o cozinheiro ou, então, o senhor Manoel, que é o dono, portanto, é quem tem de ouvir essas reclamações, não eu. Aliás, aqui pra nós, acho que o senhor tem de reclamar com ele sim, porque esse cozinheiro é muito folgado e anda fazendo as coisas de qualquer jeito. É a segunda reclamação injusta que recebo hoje. Que culpa tenho eu, senhor Jonas, que estou aqui do lado de fora, nem sabendo do que está acontecendo lá dentro e alguns clientes sem atentar para isso, me chacoalham? O senhor, sinceramente, não acha que é injusto, seu Jonas? Vou chamar o seu Manoel, o senhor reclama do macarrão, do molho e não diga que falei nada, mas pode reclamar que a carne está dura, porque sei que está, pois alguns clientes já reclamaram. Lá está o seu Manoel. "Seu Manoel! Seu Manoel, faz o favor!"

Enquanto o senhor Manoel se aproximava, Esmeraldo cochichou para o cliente:

- O senhor pode reclamar do que quiser, seu Jonas, mas não da comida fria, porque se esfriou foi por culpa sua que iniciou a conversa, deixando-a esfriar.

Jonas, mulher e filhos, boquiabertos, olhavam para o

Esmeraldo e o senhor Manoel, que todo solícito dizia um "Pois não", bem macio.



Maluco Beleza

Ciro era o seu nome de batismo, mas até a mãe o chamava de Maluco Beleza. Barba, bigode e sempre de óculos escuros, ele mesmo se apelidou e o apelido pegou. Não que se parecesse com o ídolo do rock, ao contrário, poder-se-ia até dizer que era uma afronta e desrespeito chamá-lo assim, pois tinha muito de maluco, mas pouco de beleza. Aliás, uma das suas grandes virtudes, se é que assim se pode falar, era inventar apelidos. Se bem que se dissesse que ele era até mais ou menos em luta de capoeira e, que já se arriscara a dar pequenos shows de dança, ao som de um berimbau, no Anhangabaú, faturando uns trocados. Tinha gente que até evitava cruzar com ele, para que não lhe fosse colocado algum apelido. Quando não podia chamar o fulano pelo apelido que inventava ou falar para alguém do lado, pensava em um. Bastava olhar para uma pessoa e já estava com um apelido no pensamento. Era na rua, no mercado, no cinema, na feira, no ônibus, no metrô. Vasta lista e, quando alguma "vítima" era parecida com alguém e fazia jus a um mesmo apelido, por não ter outro à altura, numerava. "Valdick Soriano 2", "Xuxa 7", "Xuxa Falsa 4", "Pelé 26"; "Clodovil 6"; mas, quando não tinha sido ainda utilizado, aí era só "Pimentinha", "Mosquito", "Queixo Duro", "Cara de Mercedes", "Espetadinho", "Empinadinha", "Girafa" etc. Mas foi, justamente no metrô, e apelidando por pensamento, onde o Maluco Beleza se deu mal. Tomara o trem com

destino à Praça da República para acertar um lance de venda de objetos *hippies*. No vagão, um feioso forte estava em pé. Por mais que procurasse outro, não encontrou, lançando-lhe, portanto, o apelido de Maguila 3. Em pensamento, claro. Olhava para um lado para o outro, colocando apelidos em todos que conseguia ver. Era Rasputim, Chita, Dentinho, De Quatro, Peito de Aço, Assustado, Fafá 18, Sem Dentes, Glória Menezes, e sempre retornava a vista ao Maguila 3 e falava consigo mesmo:

- Não tem jeito, é "Maguila 3 " mesmo, não tem outro melhor.

O feioso não estava gostando daquelas olhadelas do Maluco Beleza e enfeiava mais ainda a cara. Do lado direito, uma senhora dava informações diversas ao seu sobrinho que, ao que tudo indicava, tinha vindo do norte naqueles dias. Falava sobre o funcionamento daquele meio de transporte. Que se for impedido de fechar a porta, o trem não anda. Que aquela caixinha de plástico é para que, numa emergência se quebre com um soco; que aquele banco ali (e apontava para o que estava sentado o Maluco Beleza) era destinado a gestantes, idosos e deficientes físicos. "Se bem que muitos ignoram, outros fingem que cochilam ou que não veem." O sobrinho, que já tinha sido apelidado de "Babaca 103", ouvia tudo boquiaberto. E a senhora, chamada pelo "Maluco Beleza" de "Papagaio Inteligente", continuava sua explanação que era ouvida em quase todo o vagão: "No cruzamento da Sé, um trem passa por cima do outro. Outra coisa: se for sair na Sé, se cuida, senão perde tudo que tiver no bolso."

O papo ia por aí afóra, com o sobrinho ligado e querendo aprender tudo, quando o Maguila se invocou e, chegando bem perto e ameaçador, perguntou:

- O que é que tá olhando tanto, barbicha? Tá me achando com cara de quê? - no reflexo, sem pensar, o Maluco Beleza

respondeu:

- Não é nada não, Maguila.

Levou uma bordoadada no ouvido e caiu no chão. Uma senhora que fazia crochê se assustou e deixou cair uma tesoura, que o Maguila apanhou e usou para cortar a barba do Maluco Beleza, dizendo que era sorte dele aquela tesoura, senão ele iria perder a barba no puxão.

Um magrela que, por conta de insinuações da velha, havia se enchido de pacotes, sacolas e bolsas no colo e que aparecia do nariz para cima (e que logo que entrara fora apelidado de Palito e depois substituído por Burro de Carga) se assustou e deixou cair tudo no piso do trem. O tal Babaca 103, num gesto de coragem e para ver se funcionava mesmo, tacou a mão na caixinha de emergência para fazer o trem parar. Um moleque que distribuía santinho, fazendo-se de mudo, aproveitou a confusão e pegou uma das bolsas que tinha



caído do colo do Burro de Carga e, assim que a porta se abriu, saiu correndo. Quando chegaram os seguranças, o pobre Maluco estava sem barba. O Maguila 3 foi embora numa boa e ele dava as explicações. Só não surrara o Maguila 3, e era Maguila 3 mesmo, com seus conhecimentos de capoeira, porque o espaço era pequeno e o vagão estava cheio.

Com aquele acontecimento, pôs na cabeça que iria parar com aquela coisa de apelidar os outros. Mas, de tanto tempo com aquilo, às vezes se esquecia. Num desses dias, no mesmo metrô, quando deu por si, estava já em pensamento com o apelido de um baixinho, forte, cabeça raspada, chamando-o de Mike Tyson. Quando o trem parou na estação São Bento, ele percebeu que o fulano partia em sua direção. Nesse momento, entrava um cabeludo e barbudo. Sem pensar duas vezes, correu e, ajoelhando na frente, gritou:

- Me ajuda, Jesus.

Sorte que o “Jesus” era meio doido e se achava Jesus mesmo, que entrou no meio dos dois e rezou com o Maluco Beleza, pedindo a ajuda de Deus.

Padrinho de casamento

Estranhei ao atender à porta. A moça, conhecia de vista, mas o rapaz era o Antero, filho do seu Guilhermino. Cochichei para a mulher: “Decerto que hoje tem velório. O Mindo morreu e o filho veio avisar.” Mas como cumprimentou e não deu nenhuma notícia, descartei. Educadamente convidei-os para entrar, embora não fosse muito com a cara do garoto que sempre foi meio esnobe e quando nos cruzamos na rua faz que não me conhece.

Entraram e ficaram por uns trinta minutos assistindo também ao Silvio Santos sem dizer uma palavra. Naquele mutismo eu matutava, que diabos fizera aquele casal vir até aqui. Pigarreava e suava, enquanto observava que a barriga da moça parecia estar um pouco espremida por um cinto.

Finalmente, depois de tomarem um café, o rapaz desembuchou. Viera fazer um convite para que fôssemos padrinhos de casamento. Escolhera em consideração à amizade antiga com seu pai. Eu recordava vagamente e maldizia ter conhecido o Mindo nos tempos de garoto. Mas não tinha aquela amizade toda que o rapaz apregoava. Minha mulher teve um acesso de tosse, que foi curada com um copo d’água . Eu fixei os olhos na barriga da moça, ela encabulada enrubesceu, o que me convenceu que estava mesmo crescidinha. O rapaz, já dando como aceito o convite,

tirou um papel do bolso e disse: “Seu Zunga, para não ter repetição de presentes, o padrinho já pode escolher aqui na lista o que quer dar.” Olhei de soslaio e li nas primeiras linhas freezer, conjunto de fogão com micro-ondas, TV com vídeo, telefone celular, sendo interrompido na leitura pela moça que lhe tirou das mãos o papel: “Já disse para pedir os móveis da sala”, falou brava ao rapaz. “É melhor o celular”, respondeu ele com a voz alterada. Minha mulher, que não tem papas na língua, esbravejou: “Quer dizer que uma televisão nova, você não compra, mas celular para afilhado, numa boa!” Sem qualquer cerimônia arrastou a moça para a cozinha e lhe mostrou a geladeira com a porta emperrada,



o fogão com algumas partes oxidadas, que eu relutava em trocar. A garota esperneava. Tentava soltar-se das mãos que a arrastavam pelos cantos. Na inquietação, segurei a moça, arranquei meu chinelo e dei-lhe nas nádegas levemente, em respeito à sua gravidez, falando: “Afilhada minha tem de aprender a respeitar os padrinhos. E como castigo, não vai ganhar presente nenhum.” Saíram quietinhos.

No dia do casamento, para mostrar que sou de coragem, me apresentei no altar e não estava nem aí com a cara virada dos noivos e o rabo de olho do Mindo. E muito menos com os comentários maldosos dos convidados.

NOTA: Carta recebida do Sr. Zunga e modificada para o estilo do autor.

Regras para o réveillon

Desgastado com a repetição das encenacas e perturbações resultantes de reunião da família para comemorar o réveillon, na minha casa de praia, resolvi estabelecer algumas normas para que, nesse ano, fosse diferente.

Entre outras coisas básicas, que nem se precisava falar para pessoas sensatas, fiz constar: Não deixar que os filhos coloquem o som nas alturas; comer o suficiente, pensando que outros estão na praia e chegarão para comer; estabeleci horário para o almoço e, quem chegar mais tarde, que coma por lá; beber sem exageros e deixar a geladeira sempre abastecida; ajudar a lavar a louça, mesmo que esteja morrendo de sono; comportar-se como pessoas civilizadas e lavar os pés, livrando-se da areia, antes de entrar em casa; lavar cadeiras e guarda-sóis e deixá-los arrumadinhos na edícula; não jogar bolas dentro de casa, nem os grandes, nem os pequenininhos; avisar aos filhos que não fiquem com pirraças uns aos outros e, principalmente, com os menores, para evitar choradeiras; não jogar bola no quintal, pois da última vez quebrou uma planta da minha mulher e foi uma chateação; quem beber muito, evite conversas do passado, para não ficar um ambiente de lamúrias e choros; revezamento na churrasqueira, sem desculpas de que não sabe cuidar da carne – que fique aprendendo com quem sabe. E

por aí foi a lista, para que tivéssemos uma festa tranquila e em paz.

Tirei algumas cópias do regulamento, com o propósito de que cada convidado recebesse uma, com o cuidado de que marido e mulher recebessem cada qual a sua. Antes da viagem, chamei minha mulher, mostrei-lhe o regulamento e pedi que ela fizesse a entrega para a sua família e eu faria a da minha. Bem, quase que ela cancela a viagem, achando um absurdo e que algumas coisas que ali constavam tinham direção certa. Questionou-me: - Quem é que chora depois de uma bebedeira, todo ano?

- Geralda, tu bem sabes que é a tua irmã. Mas, tu achas certo eu colocar o nome das pessoas, aqui? A carapuça vai servir para quem acha que faz o que é errado.

- E tu achas que é errado, tomar um fogo no final de ano...?

Bom, pra encurtar, ficou resolvido que seria assim e que eu entregaria o tal regulamento tanto para os meus quanto para os parentes dela. E, ainda, acrescentei que deveria ser incluído, no regulamento, que as mulheres deverão respeitar e seguir as orientações do marido, o que a fez fechar a cara. Mas, fomos embora.



Cada família que chegava, antes de descarregar o carro, eu entregava para o marido e mulher o regulamento. Um cunhado, achou um absurdo, e gritou para a mulher, que nem descarregasse o carro, por que iriam embora. Depois de um deixa disso, acabou ficando. Eu cutuquei a minha mulher: “É que ele sabe que quem não encosta a barriga na churrasqueira é ele. Ficou mordido porque acabou a moleza”. Eu ia acrescentar mais outras coisas que se referia a ele, mas achei melhor parar.

Não precisa nem falar que cochichavam sobre o tal regulamento, e eu ouvi um falando “palhaçada, no ano que vem, *tô fora*”. E, eu, nem aí com os cochichos.

No começo, tudo bem. Depois que começaram a beber, e aproveitando que eu também tinha bebido, o que era cochicho, virou indireta, tipo “e aí pessoal, vamos seguir as regras, hein!”, “pega lá o regulamento, para ver se pode”, e por aí vai. O que importa é que alguns comportamentos não extrapolaram a regularidade e um ou outro foi o exagero.

Na hora de irmos embora, um porcaria de um sobrinho, que nem era da minha mulher, era meu, vem com uma história: - E aí tio, esse regulamento era só pra nós, era? – e contava nos dedos – Você bebeu um monte de cerveja e não abasteceu a geladeira; chegou da praia de fogo e entrou em casa sem tirar a areia dos pés; ficou cantando no karaokê até três horas da manhã; perdeu a chave da casa, lá na praia; E você, ainda, não levou protetor solar e usou o do meu pai. Só nós que *tinha* que seguir as regras, era?

Aquilo me ferveu o sangue. Só podia ser por instruções da minha cunhada, que aquele pirralho não tinha nenhum senso de observação. Enfurecido, falei: – Você me respeite! Eu sei muito bem que a sua mãe te deu educação – espinhei – E olha aqui, o ano que vem não tem regulamento que, espero, todos já aprenderam a se comportar como gente. – Rasguei o regulamento, falando um bravo: – Vamos embora, mulher!

Dentinho

Dentinho, sob sol escaldante, oferece chicletes, chocolate, dois por um real, três, quatro e chega até os seis por um, e se dá ou não negócio, agradece ao tio e parte para o carro seguinte rapidamente, enquanto não abre o semáforo. Esperto, trabalha o dia todo e, à noite, sonha que são seus os lindos carros sobre os quais passou a mão ou até deu uma lavada no para-brisa, que é sua mulher a loira que está ao lado do vistoso bacana. E até sonha que é ele. Sonha que está fumando aqueles cigarros de gente poderosa que passa na TV, casando com a moça da novela e sendo feliz, igual ao último capítulo.

Sonha que é bom de bola e que está ganhando fama e dinheiro igual ao Pelé, esnobando igual ao Romário, brigando como o Edmundo, que é brincalhão igual ao Viola, que está sendo cantado igual ao Fio Maravilha e aplaudido pela torcida igual a todos eles.

E sonha que é um cantor de multidões, imitado e disputado pelas fãs, ganhando disco de ouro. Sonha que é um piloto de Fórmula 1, e que está dando a volta da vitória com a bandeira do Brasil na mão. E sonha, quando menos inspirado, que é pelo menos um campeão de vôlei. E sonha que tem as mesmas mordomias por ser o único ganhador da mega, ou pelo menos um pouco delas por ganhar a Telessena do Sílvio Santos. E sonha que é forte, valente, audacioso e que tem um lindo e polido revólver. E já sonhou, quando

bem pequeno, que ganhava brinquedos de pilha, ou mesmo de corda ou até uma bola de capotão. E já sonhou que tinha comida na mesa todos os dias. E sonha que é o dono do carro e que está comprando as flores que ele oferece nos semáforos para que sejam dadas às suas mulheres, namoradas e amantes. E não sonha que está fechando o vidro ou fazendo que não vê.

Veza ou outra, os seus sonhos são interrompidos pelo tiroteio no morro, pela invasão e revista abrupta do seu barraco ou até pela goteira sobre sua cama numa noite de chuva. O tempo passa e os sonhos irrealizados aumentam. Fecha o corpo e realiza alguns sonhos na raça. Dentinho, conhecido de todos nós, e que só sai para o “trabalho” se o horóscopo lhe é favorável, aparece hoje nos noticiários dos jornais como adolescente frio e de alta periculosidade, identificado nas páginas policiais pelas iniciais M.S.



Viagem do Armindalino

Armindalino chegara em casa com a notícia de que estava tudo acertado para a viagem, no fim de semana, com os patrões para a praia. Chamou o Júnior e encheu a cabeça do garoto de conselhos e ameaças, desde corte de mesada a palmadas, se aprontasse alguma ou, então, irritasse o filho do patrão com pirraças, como era do seu feitio. Juanita saiu em defesa do moleque, avisando ao Armindalino que não era porque se tratava do filho do patrão que iria pisar no seu filho.

Aproveitou para comunicar que tinha de fazer uns gastos por conta de roupas de banho, bronzeador, protetor solar e algum vestido para sair à noite, ao que o Armindalino pediu que fosse devagar, mesmo porque os patrões eram pessoas simples e não gostavam de esnobar. Juanita irritou-se: “Não são? Pensa que eu não notei que as duas fulanas, no dia da festa de fim de ano, estavam em cochichos e reparando em tudo que era mulher e não tiravam os olhos de mim? Te aviso, Armindalino, que não vou que nem tonta e empregadinha, não.” Armindalino consentiu, mas que não exagerasse como da vez que saíram com amigos, em que ela se encheu de parafernália, numa exibição só, que deixou as coitadas das mulheres dos amigos envergonhadas diante de tantos badulaques e ostentação. Além do que, se

a sua mulher estava com ouro para todo lado, o aumento pretendido por ele poderia ir por água abaixo. A mulher, que não era de engolir calada, retrucava, se era por isso, ele que esquecesse o aumento, porque ela não iria se apresentar para a viagem de qualquer jeito. Igual, ou melhor que as fulanas; abaixo, nem em sonho. Armindalino manifestou, levemente, a vontade de recusar o convite diante das circunstâncias, no que recebeu uma bronca da Juanita: “Nem pensar. Para depois elas ruminarem que eu estou dando uma de esnobe, recusando ou até pensarem que estou com vergonha e que me acho inferior a elas? De jeito nenhum, nós vamos nessa viagem, nem que seja toda a despesa por sua conta.” De nada adiantava Armindalino dizer que o motivo da viagem era somente diversão. “Fica quieto, que você não entende de society. Conheço bem esse pessoal”, dizia ela.

Ainda, ao colocar as malas no carro, Armindalino reclamava do peso e que, certamente, estava exagerando nas roupas que seriam usadas em um fim de semana e não em um mês. Melhor levar demais do que faltar ou passar constrangimento, resmungou Juanita.

Não demorou muito para Armindalino confirmar que fizera uma burrada e que aquele passeio não traria nenhum benefício ao seu pretendido aumento. A mulher não era de colaborar com os seus planos e parecia sentir prazer em mostrar-se superior e irritar as mulheres dos patrões.

Maldita hora em que resolveram jogar buraco. Juanita, nervosa por estar perdendo, não manteve a pose, quando percebeu que a mulher do patrão do marido dava uma roubadinha (coisa normal no jogo de buraco). Fez o maior escarcéu, deixando o pessoal atônito. Para ajudar, Júnior abriu um berreiro e chutou o filho do patrão que saía em defesa da mãe. O que salvou o emprego do Armindalino foram os pitos que deu na mulher, na vista de todo mundo,

não dando bola para uma feminista. Embora não vá ter o pretendido aumento, por muito tempo, deu-se por feliz por ficar só nisso, porque, nestes tempos, não é hora de se perder o emprego.



Casa de praia

É verdade que, às vezes, você pensa: “Maldita hora em que resolvi usar todas as economias, vender meu carro, telefone, emprestar dinheiro para adquirir aquele apartamento.” Sempre tem um amigo pedindo emprestado. Tem aquele que se você fala que vai, ele se oferece para ir junto. Você fala que vai mais gente, mas ele retruca que não tem problema, que se acomoda de qualquer jeito. Afinal, é só um final de semana, não mata ninguém. Depois, você se vira com o síndico, claro. Tem aquele que liga: “Tem alguém ‘lá’ neste fim de semana?” Tem aquele que aparece de surpresa, às vezes, sem levar nada. Família? Desta nem se fala. Bem, já fica devidamente acertado que todas as festas de final de ano serão realizadas lá. E lembre-se de que, na última, reclamaram que só uma geladeira foi insuficiente.

Na verdade, parentes nem precisam avisar para surgir repentinamente, nem podem ser chamados de bicões. Tem aquele primo que ainda liga: “Escuta, você vai pra praia com a gente, neste feriado, ou eu passo aí pra pegar as chaves?” Mas, tem outros que o melhor é logo dar uma cópia para evitar aborrecimentos de ficar ligando quase todo fim de semana. E tem aquela dor de cabeça de que se o parente é seu, a mulher reclama, se é dela, é você quem cai de pau. E quando você, de propósito, deixou cortar a luz? Também não adiantou nada, porque seu tio foi lá e pagou a conta, pedindo a religação. Claro que não sem antes lhe dar aquela

chacoalhada: “Pô, meu, se estava sem grana, por que não falou comigo?”

E quando a mulherada resolve descer para dar uma volta e deixa as criancinhas para você tomar conta, com aquele “voltamos logo” que você já conhece? Pior que, dessa vez, sua mulher se alia e vai junto, deixando você na fogueira.

Também é o seguinte: todos os casamentos, na família ou de amigos, a lua de mel será no seu apartamento. Tem até alguns casos de filha do amigo do meu amigo. Afinal, quem está começando a vida não pode se dar ao luxo de extravagâncias com hotel.

E quando você, não aguentando mais, resolve vender? Reclamos da mulher, choro dos filhos, palpite da... Às vezes, os argumentos são tão fortes que você desiste da venda. Agora, se você vende mesmo, tem alguns amigos que nunca mais serão vistos. Verdade que a gota d'água foi aquele processo, pelo qual você ainda responde, porque um amigo a quem você emprestou, num excesso de bebedeira, jogou uma lata de cerveja para baixo, atingindo um Chevette estacionado. Só que nas fofocas familiares, diz-se que foi por causa daquele sobrinho, que é o santinho da família, que manchou todas as paredes com tinta. O que, evidentemente, é defendido pela mamãe do anjo, retrucando que, na verdade, o motivo foi aquela crise conjugal da sua cunhada que, em briga com o marido, num descontrole emocional, quebrou quase todas as louças. Mas, não se preocupe porque tem sempre algum amigo que acaba comprando um apartamento na praia. E aí, meu caro, é a sua vez.

Morreu Zé Pinguinha

O dia era nublado e estranho. Com jeito de que alguma coisa estava acontecendo. Sabe como são aqueles dias em que a gente pressente que vem coisa ruim? Pois, sentia-me assim, quando me comunicaram a morte do Zé Pinguinha. A notícia se espalhou e os amigos que tinham endereço certo foram avisados. Os encontrados, casualmente no bar, seriam avisados pela faixa colocada no Bar do Magrão, que ficou fechado: *ESTAMOS DE LUTO PELA MORTE DO ZÉ PINGUINHA* e, em letras menores, o endereço do velório.

À noite, acabou aquela coisa feia e o céu se fez limpo e com estrelas brilhantes. Zé Pinguinha, com certeza, já estava lá fazendo festa com suas brincadeiras e seu jeito alegre. E não podia ser diferente. Tinha de anoitecer sem chuva para facilitar a presença dos amigos no velório. E como tinha gente! De todos os tipos. Bem vestidos e maltrapilhos, andantes e pedintes e até um empertigado, que disse ter sido amigo do Zé Pinguinha, nos tempos em que ele ainda não era dado ao vício e, por consideração, deixou afazeres importantes no interior do Paraná para vir dar o último adeus. Rambão, no seu canto, dava até uma olhadela no relógio bonito, no pulso do homem, mas balançava rapidamente a cabeça como a espantar a ideia maluca, pois o momento não era adequado para bobagens.

Conheci a mãe do Zé Pinguinha, no velório, e entendi porque ele se gabava dela e, sempre que tinha a menor

dorzinha, corria para pedir sua reza. Quando encostei no caixão e deixei rolar uma lágrima, ela me puxou para um canto e me disse que o Zé não ia gostar de me ver chorando, enquanto me colocava na mão um copo de pinga.

A noitada rolou com goles de pinga pura (doação do Magrão) e histórias e histórias do Zé Pinguinha. O amigo era daqueles que se fosse convidado para uma festa, podia dobrar a bebida, porque sem comida, tudo bem; mas, se faltasse a bebida, ele reclamava. A saideira dele não acabava nunca. Quem na redondeza não conhecia o Zé Pinguinha? Era daqueles que quanto mais bebia, mais causos saíam da sua cachola, identificava-se melhor com as cordas do violão e a voz se fazia mais suave. Frequentador assíduo do Bar do Magrão, que lhe dera crédito ilimitado sem se importar que a conta estava cada vez mais alta e impagável. Para pagar uma ou outra para ele, por ter cantado uma música pedida, era um sacrifício. E o Magrão só aceitava em consideração ao freguês que se oferecia, porque, no fundo, ele sabia que o fiado era uma doação ao grande amigo. Noite sem o Zé Pinguinha no Bar do Magrão (o que era raro), era noite em que faltava alguma coisa. Não quero nem imaginar como será sem ele. Guigo, com voz triste, contou que parece que o Zé Pinguinha já sabia que ia morrer. Despedira-se dele com um abraço demorado, como nunca havia feito antes, e seus olhos já eram de defunto. A última música cantada, no Magrão, era uma triste e parecia pressagiar a sua morte. Mesmo que o corpo não soubesse, o espírito já sabia que ia desencarnar. Foi de repente, dizia a irmã: “Do modo que aconteceram as mortes com gente importante nos últimos dias. Deputado, ministro, assim também com o Zé Pinguinha.” Como disse o Ditinho, no discurso improvisado, no enterro: “Tava forte e bom, mas Deus achou que tava na hora de levar o Zé Pinguinha, homem de coração de

ouro, pra junto dele. E nós não pode chorar, porque ele não gostava de choro.” De qualquer forma, aos amigos que não souberam antes, amanhã será o sétimo dia da morte do Zé Pinguinha, que será comemorado no Bar do Magrão, com pinga por conta da casa. Do seu jeito, Zé, e você deve imaginar o quanto é duro segurar esta lágrima, porque a gente sabe que pobre também faz falta.

**COM LICENÇA!
ONDE FICA O BAR
MAIS PRÓXIMO?**



O grande diretor de teatro

Faz tempo que não vejo o Ariolando. Pelos idos de 75, fizemos teatro juntos. Ator de pouca expressão, mas metido a diretor, palpitava em tudo quanto era peça que ensaiávamos. Meticuloso ao extremo. Em nosso grupo fazia sempre pequenas pontas, mas esnobava-se para os amigos, dizendo que sua participação era diminuta por sua própria imposição, vez que era mais necessário de fora, ajudando o diretor com opiniões e sugestões.

Aliás, gabava-se que o diretor era figurativo, já que na verdade era ele, Ariolando, quem dirigia o grupo. Afirmava que a sua participação, em cena, era mais para servir de calço a algum ator inexperiente, que sentia firmeza ao contracenar com alguém da categoria dele. Para um diretor, ter Ariolando como ator não era fácil e eu fui testemunha de muitos que perderam a cabeça entregando seus cargos.

Mas, enfim, num memorável dia, Ariolando reuniu todo o grupo e disse que, por falta de reconhecimento ao seu grande talento e, por prevalecerem ideias de incompetentes, renunciava e afastava-se de vez do grupo de teatro, desejando que fosse encontrado, para substituí-lo, alguém com pelo menos metade do seu gabarito.

Casou-se com a Dirolinda, que também teve uma passagem rápida pelo grupo, adquiriu o gosto por espetáculos. Eram

sempre vistos nos teatros. Ela divertindo-se a valer, e ele sempre sisudo e observador. Quando questionado por ela sobre o texto, ele perguntava: “Que texto?” Desconcertada, ela complementava: “O enredo.” Ao que Ariolando caía de pau: “Com uma performance absurdamente fora do contexto, alguém do meu nível vai se ligar em enredo, mulher? Como se pode entender um desenrolar de cenas com uma direção estapafúrdia dessas? No meu tempo... Você nunca me viu dirigindo porque quando entrou, eu já estava saindo... Aliás, pelo seu teste, por mim nem teria entrado... Chamar esse pessoal de atores e aplaudir uma direção dessas é fazer Stanislavski mexer-se no caixão.

Diretor pior que esse, nunca vi em toda minha vida. Aquela cruzada de pernas, quando o homem sentou-se, tinha de demorar mais dois segundos; tinham de bater mais uma vez na porta, antes que ela fosse aberta; naquele cumprimento, tinha de apertar mais a mão e dar um pequeno balanço; quando o rapaz se dirigiu à janela, tinha de dar um tropeção para embelezar mais a cena e torná-la mais real; na cena da despedida, ao invés daquela luz branda, teria de ser forte e localizada no rosto da atriz, para que se percebesse a sua expressão. Ou, talvez, aí o diretor tenha sido bom, escondendo o despreparo de sua atriz, que só foi percebido por um *expert* como eu. Aquela cena de dirigir-se para a corda, demorou. Fração de segundos, é verdade, mas fugiu das boas técnicas.

Aquela personagem de cacoete, tinha de balançar um pouco mais a cabeça; na hora do adeus, a boca do ator tinha de se afunilar e ele estar virado para a lateral direita em direção à plateia. Como você queria que eu me ligasse em enredo, quando aconteciam erros crassos de direção, Dirolinda? Eu, como diretor desse elenco, não passaria ninguém como ator, porque eu conheço de longe quem interpreta com perfeição.”

Dirolinda só assentia com a cabeça.

Num belo dia, ao chegar em casa, Ariolando encontrou um bilhete da Dirolinda: “Ariolando, se você é um diretor tão bom, se conhece uma atriz de longe, por que não me reconheceu quando, ao teu lado, fingi o tempo todo te amar? Ou fui uma boa atriz? Adeus.”

Indecisão no Metrô

Não consigo discernir muito bem o real do irreal. Minhas ideias vão em uma linha e só naquele sentido. Vejo-me em aperto, quando o interlocutor me pergunta: “Que idade você me dá?”. Gelo. Se falar a mais, a pessoa se irrita, se a menos, pensa que é gozação, e se irrita, do mesmo jeito. Não consigo descobrir as idades simplesmente olhando às pessoas. Por conta disso, já me vi em muitas enrascadas e as últimas ocorreram no metrô.

Estava, eu, sentado no banco preferencial dos idosos, gestantes e deficientes, quando se aproximou uma senhora, que a mim pareceu ser idosa. Ao oferecer o lugar, levei um xingo e indagado, aos gritos da mulher, se achava que ela era idosa e merecedora do lugar no banco. Era das provocadeiras e insistia em querer resposta, o que me fez descer do vagão e embarcar em outro.

Noutro dia, na dúvida, entre levanto ou não, perguntei à senhora se ela era idosa, pelo que levei um belo tapa no rosto. Envergonhado, descí, novamente.

Uma vez, um senhor, aquele, tinha certeza de que era idoso, próximo ao meu banco, ofereci o meu lugar. Desligado que sou, nem havia percebido que o tal estava na paquera de uma senhora e, para mostrar que estava em forma, falou-me alto e para ser ouvido por todos: “Se liga, cara, quem, aqui, está precisando sentar? Não reconhece um atleta, não? Você está mais precisado”. De novo abandono o trem.

Uma vez, quis fazer gracinha e ser educado com uma senhora, que me pareceu, grávida. “As grávidas têm preferência, sente-se senhora”. Maldito gesto e fala. A mulher, aos gritos, disse que a estava chamando de gorda e insinuando gravidez, para ofendê-la. Mas, quem, meu Deus, não acharia que aquela barriga era de gravidez? Uma senhora do lado, entrou na briga e falou que era realmente por gozação, porque para ela, que estava realmente grávida, eu não havia oferecido o lugar. Lá desço eu, de novo.

Resolvi, para evitar confusão, que não sento mais no trem.

Pensei que tinha se resolvido o dilema, mas qual. Outro dia, em pé, o banco com apenas um senhor sentado, rendeu-me mais problemas. O fulano, com os braços e rosto em



feridas, ao que parece, proveniente de uma doença, dirigiu-me desaforos, dizendo que o banco estava vazio e eu me recusava a sentar ao seu lado, por nojo. Tentei argumentar, mas não teve jeito!

Desci do trem.

Maluco Beleza no emprego

Dona Marieta chamou: “Ciro, senta aqui perto que eu quero conversar com você!” Maluco Beleza sabia que a conversa devia ser séria, pois a mãe, quando o chamava pelo nome e não pelo apelido, a coisa era pra valer. Encaminhou-se para ela, alisando a barba, pediu com jeitinho: “Me chama de Maluco Beleza, vai” e sentou-se no chão, colocando a cabeça no colo da dona Marieta, que não resistiu e lhe fez um cafuné. Feito o carinho, ela passou a lhe explicar da necessidade de ele arranjar colocação numa empresa. Aquela situação de uma coisa aqui, outra lá, recebe, gasta, não tinha futuro. “Tu fica pra lá e pra cá, zanzando; quando aparece algum servicinho, tu faz e, depois, fica um tempão sem nada. O melhor é uma coisa contínua”, dizia a mãe. Maluco Beleza assentiu e dona Marieta falou-lhe da vaga de garçom no restaurante, onde trabalhava o seu primo, que daria uma força, recomendando-o junto ao patrão.

Maluco Beleza, rapazinho obediente, concordou com a mãe, que aproveitou para lhe pedir que cuidasse do seu jeito de apelidar os outros. O garoto, como ninguém, tinha um vício incurável de colocar alcunha nas pessoas. Onde quer que estivesse, todos que cruzassem pelo seu caminho eram apelidados. Era Mosquito, Espetadinho, Queixo Duro, Pescocinho e, quando já tinha utilizado o apelido

e não houvesse outro mais adequado, era Ratinho 3, Pelé 36, Clodovil 9, Xuxa 12. Muita gente já fora apelidada pelo Maluco Beleza (ele próprio se apelidou), mas essa mania o meteu em muitas enrascadas.

Começou o Maluco Beleza no restaurante e, no segundo dia, do cozinheiro ao dono, todos já tinham seus apelidos. Aos poucos, foi falando o de um para o outro e arranjou umas encrencas. A faxineira não gostou nada de ser chamada *Sebosa* e se queixou com o marido que foi tirar satisfação com o Maluco Beleza. O fulano - que foi apelidado pelo Maluco Beleza de *Touro Bravo*, em pensamento, claro - chegou esbravejando e a fim de partir para a briga. Conseguiram amenizar, com a promessa do Maluco Beleza de que iria parar com a história. Por sorte, o patrão não estava e o gerente ainda não sabia que já ganhara o apelido de *Bolão 131*. Repreendeu-o e ficou por isso mesmo.

Os pedidos do Maluco Beleza para a copa eram passados assim: “*Espoleta*, manda um filé à milanesa para o *Cebolinha* da mesa 34; *Pelezinho*, tira um chope para o *Cabeça de Mola*; um suco de abacaxi com gelo para a *Xuxa 17*; mais uma coca para o *Pimentinha 3* da mesa 21.”

O Maluco Beleza apelidava não só os seus clientes, mas também os dos outros. Olhava por todo o restaurante e, em um ou outro cliente, demorava um pouco mais o olhar, procurando o apelido mais apropriado. Levava umas encaradas de alguns e procurava disfarçar. Mas, foi num dia em que o Maluco Beleza falou para o outro garçom: “O *Gigante* é meu, deixa que eu atendo”, que a coisa pegou feio. Foi um descuido; o cliente tinha um ouvido apurado. O *Gigante* pegou o Maluco Beleza pelo pescoço e levantou-o a um palmo do chão. Concorro com o Maluco Beleza, o homem era um gigante mesmo. O proprietário interferiu, e o homem, cliente antigo, em consideração ao dono soltou

e empurrou o Maluco Beleza que caiu de pernas para cima. No chão, gesticulando, gritava: “Não esquentá, não, *seu Testão*, que eu arrevento ele na capoeira.” Levou um sopapo por conta do *Testão*, e o patrão, esquecido da sua posição, chamou o *Gigante* para ajudar a enxotá-lo do restaurante.

Lá fora, voz miúda, Maluco Beleza pedia ao outro garçom: “Me traz um copo d’água com açúcar, *Pirilampo*”.



Minha nova doméstica

No primeiro dia, ela chegou com uma sacola que informou serem seus equipamentos de trabalho. Preferia ter os seus, pois quando saísse do emprego poderia levar sem dar satisfação. Achei estranho, mas tenho por hábito não interferir nas contratações feitas por minha mulher, para que depois não sobre para mim.

Depois que minha mulher lhe apresentou a casa e onde estavam as coisas, ela iniciou o trabalho. Quase uma hora depois, o Juca, meu filho mais novo, veio do quintal em disparada, chorando e gritando: Mãe, tem um ET, um monstro no quintal. – Não se sabia se acudia o menino, ou fechava a porta da cozinha ou se arriscava a dar uma olhada. Por fim, minha mulher socorreu o garoto e me intimou a ver o que era. Pois bem, quase que eu também saía correndo. A mulher estava com uma máscara, protetor auricular, luvas até o ombro, botas de borracha e uma torquês com a qual pegava as roupas para colocar na máquina de lavar.

Meio ressabiado questionei: A senhora não viu o garoto chorando? – ela respondeu: Não estou ouvindo, fale mais alto.

- Não, melhor a senhora tirar o protetor auricular. – Falei e fiz sinal. Por fim, ela tirou o tal protetor e falou um “pois, não” sem dar muita importância. Eu perguntei o que estava

acontecendo, ao que ela respondeu: - Primeiro que não lhe devo satisfação, pois não foi o senhor quem me contratou, mas por questão de educação... acontecendo o quê? Não sei do que o senhor está falando. – Eu vendo que a mulher não era de brincadeira, procurei ir com tato. – É que o menino se assustou com a senhora desse jeito aí...

- Ah, é o seguinte – disse ela – Esses equipamentos é para não prejudicar vocês, nem eu. Como tenho problema de alergia, uso as luvas e tem que ter um forro por dentro, olha aqui – e me mostrava – senão, se cair um sabão, uma gota que seja me empipoca toda. Essa máscara, se eu a tirar – tirava só pra falar e voltava com ela no nariz e na boca – e respirar, diretamente, esse cheiro de cândida, ainda mais em lugar apertado igual esse, espirro direto e me ataca a bronquite. Esse tampão, no ouvido, é para não ter problemas com esse barulho da máquina de lavar. Dá-me uma agonia esse toc



toc, que o senhor nem imagina. A bota é para não escorregar. Vocês têm a mania de por um piso no chão que é uma beleza de se olhar, mas é um perigo. A gente que pega no duro é que sabe o quanto é arriscado. Essa bota, aqui, prende e não me deixa escorregar. Esse alicate grande, aqui, – e mostrava a torquês – é para não ter perigo de transmissão de qualquer porcariada, pegando nessas roupas sujas. Quer saber mais alguma coisa, meu senhor? – e me olhava de cima para baixo. – Qualquer coisa manda a patroa falar comigo que eu explico.

Então, diante desses argumentos, eu me dei por satisfeito. Assim, falei que estava tudo bem e fui saindo de mansinho. Minha mulher me questionou e eu a informei, com naturalidade, que o garoto estava vendo assombração à toa. No fundo, ele apenas tinha visto uma profissional uniformizada, adequadamente, para enfrentar a rotina de seu trabalho.

O Astronauta

Aproximou-se da moça e perguntou-lhe o nome. Ela o olhou de cima a baixo antes de responder.

- Brigitte. Você é pessoa importante? Porque só converso com gente de renome. Ao meu lado sempre estão cantores famosos, costureiros de alta-costura, atores de teatro, cinema e TV, escritores de best-sellers, presidentes. Portanto, para preservar minha imagem, devo verificar bem quem são as pessoas com quem converso.

Ele, de olhos fixos nos dela, ficou por alguns instantes a admirar-lhe a beleza e admitia que poderia muito bem se chamar Brigitte.

- Sou importante, sim. Sou astronauta e aquela é a minha nave. Se achar agradável a sua companhia, posso levá-la a passear comigo. Somente grandes nomes nela navegaram. Chamo-me Gagarin. Conheço bem o espaço e já estive na lua... Agora, recordo-me que assisti a alguns dos seus filmes.

- Já ouvi falar de você - e olhava para ele e para a reluzente nave.

- Posso passar a mão?

Ele permitiu e ela alisava a nave boquiaberta. Os que passavam olhavam com inveja, ela percebia e se engrandecia. Depois, fez poses e encenações diversas para ele, que aplaudia. Ele apontava para o céu e, com a mão, fazia gestos de como a sua nave atravessava a barreira do universo. Correu em zigue-zague, de braços abertos.

- Deve ser gostoso - disse ela a sorrir.

No dia seguinte, encontraram-se novamente e falaram de arte e liberdade. Ele lhe confidenciou que era agradável estar com ela. Sentiu um frio de medo, quando ele a convidou para passear em sua nave.

- Não tenha receio, você está com o maior de todos os astronautas - ela assentiu, dando-lhe as mãos e caminhando em direção à nave.

- Segure firme. Se sentir medo, feche os olhos por alguns instantes; depois, abra-os para admirar a beleza do espaço - ela ouviu bem baixinho, embora ele gritasse para se sobrepôr ao barulho dos motores. Viajaram por horas e horas, até retornarem.

- Gagarin, estou feliz. Sempre que for ganhar os espaços posso ir com você?

- Claro, Brigitte. Quer ir de novo numa viagem mais demorada? - ela balançou a cabeça afirmativamente.

- Me leva até a lua?

Entraram na nave e, sorrindo, tomaram rumo ao céu.

Um enfermeiro chamava a atenção do outro para a estranha posição em que se encontravam aquela feiosa e o cara esquisito que tinha se internado na semana anterior. Pareciam flutuar.

Sara, amiga e admiradora da Brigitte, ouviu a conversa dos dois e ficou perplexa, estranhando existirem pessoas que desconhecem uma nave no espaço.

Exemplo de homem

Anacleto era o tipo de sujeito que toda mulher deseja como marido. Um exemplo. Onde ele estava, podia olhar em volta que a mulher também estava. Mãos dadas e beijos compassados como que cronometrados. E daquele beijo de fazer biquinho, sabe como é? Pois bem.

Não tinha quem não reparasse naquela frescura que parecia início de namoro. Num baile, num cinema, num boteco, restaurante, campo de futebol, onde quer que fosse, lá estavam os dois. Até em bebedeira de noitadas, sempre juntos e no maior amor. Acredite se quiser, mas até numa pescaria, e quem é pescador sabe muito bem quão grande é o sacrilégio de se levar uma mulher, ele ousou levar. A turma de sempre caiu na besteira de convidar o Anacleto.

Na madrugada, junto com as tralhas vem a mulher, segundo ele (para justificar, pois viu a cara de espanto dos pescadores), para ajudar na cozinha. O que deixou magoado, de cara, o Zefinha, cozinheiro tradicional do grupo. Eu fui logo falando que só apareci para avisar que não ia e caí fora, acompanhado de uns dois ou três. Já imaginou o que falar para minha mulher, que é possível ir numa pescaria uma mulher e eu nunca a levei? Com certeza, iria complicar. Os que foram, a contragosto, arrependeram-se.

Por aí já se tem uma ideia do Anacleto. Ninguém estranhava, quando vez ou outra, ele aparecia com uma camisa com desenhos iguais aos da blusa usada pela parceira.

Uma gracinha, dizia minha mulher. Aliás, muitas insinuações e desaforos ouvi da minha mulher, por culpa do Anacleto. “Homem direito e respeitoso é aquele, não os amigos que você tem. Se você fosse metade (que dureza ouvir isso) do que ele é já seria o céu para mim. Veja com que carinho ele dança e enlaça o corpo da mulher. Aprende, pelo menos um pouquinho...”

Sinceramente, eu não engolia e sentia até raiva de tanta meiguice e lenga-lenga do sujeito. Quando entrava em algum lugar com a minha mulher (e eu só ia acompanhado em lugares propícios) e lá estava o Anacleto com a sua, eu suava. Acredite, eu não conseguia olhar para a minha mulher sem sentir, nos seus olhos, recriminação e angústia de eu não ser como o Anacleto. Ah... Anacleto, quanta vontade de te encontrar um dia sozinho, sem a tua mulher, só nós dois para me desferrar de tanto que passei por culpa sua. Bem, como não tinha jeito, cedi. Um pouquinho, claro. Comecei fazendo alguns afagos em público (quando via que ninguém estava vendo), pegar suas mãos, ao andar na rua, e beijar fazendo biquinho.

Na festa de aniversário da Marta, a conversa não era outra e o espanto era geral. Num canto, a mulher do Anacleto sozinha e esculhambando o cafajeste que ele era. Sumiu no mundo com uma fulana com quem já tinha um filho de quase três anos. Naturalmente, presumo que de mãos dadas e no maior amor.

Até hoje não consegui descobrir, quando surgiam as oportunidades para as fugidas do Anacleto para embalar o romance extraconjugal. Embora não se deva desejar a destruição de lares, sou sincero em dizer que gostei do fim do matrimônio e da fuga do Anacleto e que faço questão, de vez ou outra, tocar no assunto com a minha mulher. Ela, de joelhos, pediu-me pelo amor de Deus que acabasse com

a frescura de beijos com biquinhos. E, na rua, faz questão de andarmos um na frente e o outro atrás. Uma beleza de casamento que, pelo jeito, vai longe!



Sou Jesus e já voltei

Levantei, dei uma ajeitada na barba, diante do espelho, e achei que já era o momento de revelar minha verdadeira identidade. Saí para a rua e parei diante de um grupinho que conversava. Olhei nos olhos de um por um e disse o que pensava cada qual no momento. Diante do espanto, apresentei-me: “Sou Jesus. Estou de volta para levar os puros e dizimar os pecadores.” Olharam-se e um sorriu. Não titubeei em dizer que, por conta da brincadeira, ele iria ficar a sorrir sem motivo por uns dias. E vai ficar mesmo. O outro, do qual li o pensamento me chamando de louco, intimei-o a sentar-se no chão e, em plena rua, brincar fazendo desenhos na terra. O mais alto, fiz estirar um braço para cima e fazer-se de estátua. O mais baixinho, ao ver aquilo, saiu em disparada e deve estar correndo até agora. Continuei minha andança. Um esmoler foi abençoado e lhe disse que seu lugar estava reservado no céu. Num pedinte de perna coxa, passei a mão pela cabeça, dizendo-lhe que seu sofrimento estava chegando ao fim. Mesmo sem querer fazer o milagre, ele saiu normal e, por pouco, não escapa antes de eu lhe pedir que não fizesse alarde.

Andei por aí e tratei com carinho os que acreditavam na minha volta. Li *outdoors* “Jesus está voltando”, “Ele está chegando” e ouvi pregações em praças e igrejas afirmando que eu já estava a caminho. Num desses templos, não resisti quando o pregador gritou: “Ele virá, Ele virá.” Subi e disse:



“Já estou aqui, filho.” Diante das palavras de impostor e blasfêmia, fiz as luzes se apagarem, os bancos tremerem e todos ouviram um zumbido forte antes de eu desaparecer.

Claro que muitos duvidam. Mas, se alguém vir, ouvir ou mesmo ler e duvidar de que sou mesmo Jesus e que já estou de volta, não é digno de mim e com certeza não estará comigo no final dos tempos. Acha que é brincadeira, é? Pois bem. Neste momento que você está lendo vá até a porta e dê uma espiada no Sol. Não tem uma parte mais escura? Sou eu visitando o astro. Não sentiu um barulho no telhado e um balançar de janelas? Sou eu. Cuidado amigo, aquele que for cético e continuar achando que é pura bobagem e que estou louco, poderá, no mínimo, ser transformado em estátua.

Outra coisa que não estão levando a sério é que vou separar os bons e levá-los comigo, antes da virada do século. É, não adianta ficar em preparativos para o *réveillon* porque antes vou acabar com tudo. Estou ainda pensando como vai ser, mas o dia já está certo, a não ser que eu encontre alguma dúvida

muito forte de que não seja eu mesmo Jesus, acabo com tudo na hora e pronto. Aquelas dúvidas menores, mesmo em pensamento (e eu leio o de todo mundo, até o seu), eu anoto no famoso livrão e, no dia do juízo, serão questionadas.

Aqueles que estão espalhando por aí que o fim se aproxima estão com a razão. Eu falei com eles. A alguns, por sonhos, e a uns privilegiados, pessoalmente, dando uma oportunidade para quem acreditasse que eu estou chegando e que o fim está próximo e muito próximo. Os sinais já dei e foram muitos. Agora, estou aqui para cobrar. Sim, sou Jesus e voltei. E louco é você se não acreditar.

Luandécia e sua patroa

O Michael, nome escolhido pelo filho da patroa, fã do cantor, foi a gota. Aliás, por achar o nome impróprio para o cão, Luandécia chamava-o de Lulu, pouco ligando aos reclamos do garoto e mantendo uma pirraça antiga contra o menino. Na chegada do cão, estragando a festa da família, foi logo perguntando quem iria tratar do animal. Depois de um momento de mutismo e olhares de uns para os outros, tia Guilhermina, que estava passando uns dias por ali, saiu em defesa, dizendo que o cão não daria tanto trabalho e, com certeza, ela também se apegaria. Luandécia, que já estava meio cheia principalmente com o trabalho aumentado, pela visita da tal tia, respondeu que não tinha apego nem aos seus vira-latas que viviam mais na rua do que em casa. Saiu da sala resmungando que não aguentava mais e que ninguém reclamasse se ficassem coisas sem fazer.

Vovô Afonso, sentado no seu canto, falou que aquela empregada estava indo longe demais, metendo-se com coisas que diziam respeito somente à família. Quinho deu razão ao avô, dizendo que Luandécia estava muito folgada. Quando pedia lanches, ela fazia hora só para chatear, ralhava com ele por qualquer coisa e, outro dia, até ameaçou dar-lhe umas chineladas se não parasse de pisar no tapete com os pés sujos. Alvorço geral, mas por fim resolveram ajustar as coisas,

diante dos argumentos de dona Adélia de que empregada não estava fácil e que qualquer uma que entrasse traria os mesmos problemas.

Luandécia, diante da tábua de passar roupas, remoía por dentro, lembrando os momentos que tinha passado naquela casa.

Lembrou-se da vez em que levou uma chacoalhada do patrão, quando anotou um recado que nem ela mesma conseguia decifrar. Lá tinha culpa de ter feito mal e mal o Mobral? E pensava, quietamente, que o seu contrato de trabalho era de doméstica e eles queriam que ela também fosse secretária e, ainda por cima, com o mesmo salário. Tinha ojeriza a telefone. Quando o trem tocava, ela queria estar longe. Era só reclamação.

Recordou-se de quando, sem querer e com a cabeça nos seus problemas domésticos (empregada também tem problemas de natureza familiar!), queimou uma blusa da Camila. Foi um choro da menina o dia inteiro, além da ameaça de ser despedida e ter descontada do seu salário a tal blusa, pelo preço atribuído pela patroa, que até hoje ela duvida ter sido tão alto.

E quando vêm os parentes do interior - principalmente nas férias daquele sobrinho sapeca - e lá se hospedam, ficando tudo por conta dela e ninguém se lembra, quando vai embora, de lhe dar os trocos prometidos? Só Deus mesmo!

E foi com tudo isso na cabeça e, num dia em que o patrão chegou meio de fogo e vomitando, pela casa toda, que ela aproveitou o embalo e deixou o tal Michael fazer sujeira no tapete à vontade. Chegou ao quarto da patroa bem às sete horas (ela não gosta de acordar antes das nove), bateu com vontade na porta e, num sorriso cínico (divertia-se com o desespero da dona Adélia), apontou-lhe a sujeira em que se encontrava a casa, dizendo-lhe que marcasse o dia para

o acerto das contas, porque ela estava indo embora. Fez de conta que não escutava o pedido de paciência e lembrou-lhe que já estava quase na hora de dar a comida ao Lulu, que já começava a uivar de fome lá fora. Saiu rebolando e batendo a porta com a vontade que sempre teve de bater.



Reencontrando amigos

Tento me enganar pensando que o número de amigos é tão grande que não lembro os nomes de todos, mas, na verdade, ando realmente me esquecendo.

Não é raro, nos bate-papos, quando falam de um amigo comum ou de situações acontecidas lá atrás e identificam o sujeito pelas características físicas e até psicológicas, me perguntarem: “Como é mesmo o nome dele?”, eu não me lembro. Até aí, tudo bem, porque o interlocutor também não se lembra.

Quando falam o nome, dificilmente eu me recordo da fisionomia ou situações vividas com o fulano de quem se fala. Antes, investigava, questionava para ver se me recordava e aí, sim, vinha-me à memória. Hoje, já não ligo muito, embora de vez em quando me bata uma coisa assim, como se fosse desrespeito às pessoas e desconsideração com as amizades do passado.

Quantas vezes encontro pessoas nas ruas que me cumprimentam, conversam comigo e eu não me recordo dos seus nomes. Espero uma dica ou que outra pessoa se aproxime e o cumprimente pelo nome. Alguns dão essa dica na própria conversa, ou simulando um diálogo ao contar um caso “Então, ela falou: Jessé, saia logo da minha frente. Aí, então...”, o que facilita. Mas, alguns são massacrantes,

chegam interrogando: “Lembra-se de mim?”. Saio com manha, tipo, “Sim, como não?” e consigo levar um papo. Mas, têm uns insistentes e perturbadores que questionam “Como é, e então?”. É de matar.

Outro dia, andando pela Rua Santa Ifigênia, aconteceu um desses casos. Um amigo se aproximou, cumprimentou e me abraçou efusivamente e, pelo aperto do abraço, percebi que éramos amigos de longa data. Abracei-o também fortemente e me recriminei por ter esquecido uma amizade tão grande e de um amigo que me prezava tanto e fazia tamanha festa

**MEU AMIGÃO!!
QUANTO TEMPO!!**



ao me rever. Perguntou-me da minha mãe e do meu pai. Ao falar que já não o tinha, deixou cair uma lágrima, pediu-me perdão por tocar no assunto e acrescentou que o meu pai era uma boa pessoa. Quis saber da minha esposa, como estavam os filhos, e que a mãe dele sempre perguntava por mim. “Lembra quando você ia à minha casa e a mamãe fazia aquela sopa que você adorava? Minha mãe vive dizendo que você precisa ir até lá para revê-la e tomar a tão famosa sopa” e por aí continuava o papo. Cada vez mais eu ficava mal comigo; mas o amigo era compreensivo ou estava tão contente por me encontrar, que não observava que eu, por mais esforço que fizesse, não me lembrava nem vagamente dele.

Fiquei contente de reencontrar um amigo que valorizava tanto a amizade e me abraçava com carinho e força. Despedimo-nos e ele insistiu para que eu fosse visitá-lo. “Não vamos ficar tanto tempo sem nos ver, moro no mesmo lugar”, disse-me. Fiquei sem jeito de perguntar o seu endereço para fazer uma visita. Quase peço, mas achei que seria um desrespeito ao amigo demonstrar que não me recordava dele.

Saiu olhando para trás, abanando as mãos, e eu respondia aos acenos me sentindo mal por ser tão desligado a ponto de esquecer os amigos.

Nisso, um rapaz de uns trinta anos se aproximou, pediu-me desculpas e agradeceu por eu ser gentil com o pai dele, porque estava meio perturbado e, agora, andava com essa mania de abraçar todas as pessoas e dizer que as conhecia.

A volta da Luandécia

Quando Luandécia disse aquele desaforo à dona Adélia e pediu demissão, a família ficou indignada e amaldiçoou o dia em que, por recomendação de uma parente, tinha lhe dado o emprego de doméstica. Tia Guilhermina espinhou: “Vindo daquela parente do marido da minha sobrinha, não podia ser coisa boa, o certo seria não ter aceito.” Vovô Afonso, que sempre reclamou da intimidade que davam à doméstica, achou que o resultado só poderia ser esse.

Quinho, que sempre foi de resolver as coisas na base do tranco, chamou a atenção da mãe por, no momento do rompante da empregada, não o ter acordado para dar uns sopapos na fulana, o que ele tinha por vontade reprimida há muito tempo. Dona Adélia tentava acalmá-lo e dissuadi-lo da vontade de ir até a casa da Luandécia dar-lhe uma sova merecida pelo desrespeito à patroa.

Passaram mais de dez empregadas que são lembradas, fora as que ficaram tão pouco que sequer se lembram da fisionomia. Deram dor de cabeça das mais variadas, contribuindo para que a família sentisse saudades da Luandécia e achasse que o melhor era ir à sua procura, nem que fosse para fazer uma oferta de um salário um pouquinho melhor e até folga aos domingos.

Depois de demorada negociação (como elas estão ousadas!) acertou-se que Luandécia voltaria na segunda. Dona Adélia queria que fosse, no dia seguinte, mas Luandécia

não cedeu. O marido achou que dona Adélia fez muitas concessões; mas, diante dos argumentos e lembrança das anteriores, viu que Luandécia era uma preciosidade e que devia ser reconquistada a qualquer custo. Dona Adélia estava outra vez com a cabeça quente. Junto com os problemas domésticos a administrar, foi trazida por Luandécia a necessidade de voltar a estudar. Influenciada por uma colega, empregada de um prédio vizinho e, não querendo fazer parte das estatísticas dos analfabetos, resolveu voltar para a escola, dando continuidade ao seu terceiro ano interrompido, no interior do Nordeste, para vir ganhar a vida em São Paulo. Não teve jeito. E se, de vez em quando, o serviço ficasse por fazer, seria por conta dos deveres da escola ou até por desligamento e sonhos advindos da leitura de um texto e poesias que lhe estimulavam momentos de devaneio.

Agora, surge Luandécia com outra história. Não bastasse, por conta própria, ter feito doação dos cereais comprados para o mês para que fossem enviados aos flagelados da seca do Nordeste, vem com um pedido de licença para ir combater com os contrerrôneos no momento em que eles saem à luta. Quer liderar um grupo de saque, anunciando que não tem volta a sua decisão, tendo, inclusive, já enviado cartas para os líderes do MST e aos familiares de sua pacata cidade para que arregimentem um grupo de mulheres, que sob sua direção, irá saquear e distribuir alimentos aos famintos.

Vovô Afonso assombrou-se, quando viu, numa exaltação vinda não sei de onde, Luandécia falar para dona Adélia que pode ser que nem volte, se arrebatada pela morte ou escolhida pelos contrerrôneos para representá-los num cargo político. O que precisa de imediato e sempre a fará lembrar da bondade da patroa é de um adiantamento para comprar sua passagem na São Geraldo rumo à liderança dos famintos. Dona Adélia balançou a cabeça, pensando que, nos próximos dias, poderá

ver a foto da Luandécia nos jornais como louca, heroína ou até posando para revistas. Jeito e manequim de posar para a *Playboy* ela não tem; mas, neste mundo, acontece cada uma que não se pode descartar de vez a hipótese.



Coragem de optar pela arte

Há quem diga que a responsabilidade maior foi do pai que, numa viagem ao Nordeste, o presenteou com um berimbau. Outros acham que a culpa foi da mãe que, enjoada do din-din-din-don, trocou o instrumento por um violão de plástico e cordas de náilon. Embora muitos acreditem que ele já tenha vindo de nascença com um parafuso a menos e que essas coisas não tenham influenciado em nada. O que é certo, e concorde a todos, é que o Gertulino não tem um pingo de juízo.

Os pais, coitados, na verdade, a gente sabe que fizeram de tudo para que ele se endireitasse, mas foi perda de tempo. Arrumaram uma vaga num escritório de contabilidade, mas qual nada. Na mala de *boy*, levava suas revistas de partituras e letras que cantarolava no ônibus e na fila do banco. No guichê, do banco, enquanto o caixa autenticava, ele tamborilava com uma "Bic" no vidro do balcão. Não reclamava do salário, mas chiava quando tinha de catar milho na "Olivetti" para preencher uma guia e, também, não queria nem saber de débito/crédito.

O contador lhe apontava exemplos de quem entrou pequeno e agora era chefe de departamento e ele, nem aí. Já bem crescido, foi despedido por faltas. Trabalhava um, faltava dois dias. Arrumaram-lhe um emprego numa

metalúrgica. Na prensa, com o pé livre, batia duas vezes no chão e no do pedal batia uma, em ritmo de valsa. Puseram-no para rebitar, mas o chefe o dispensou por não aguentar mais o bater compassado e a quarta batida mais forte, sempre.

Daí para a frente, só fez bicos. Na maioria das vezes, era encontrado em casa, fechado no quarto com seu violão, repetindo várias vezes a mesma música e descobrindo as notas de um solo. Começou a tocar nuns barzinhos e até recebia acanhados aplausos. Quando perguntado pelo seu filho, seu Agildo, desconcertado, respondia que ele estava trabalhando. Mas, quem ouvia os acordes vindos do quarto, percebia que ele estava protegendo o filho que não tinha jeito mesmo.

Seu Agildo também achava que não era certo o proceder do



filho e saiu a investigar se era só ele quem tinha filho doido.

Descobriu que o filho do padeiro era encafifado com negócio de pegar pedaços de pau e ficava horas e horas esculpindo. Às vezes, até que fazia alguma coisa bonita, da qual o pai ignorava a beleza para não estimular a loucura. O filho do açougueiro era metido com coisas de teatro e vivia correndo atrás de roupas velhas. Perdia horas e horas em ensaios inúteis, fazendo cenários de papelão, perucas, narizes e, de vez em quando, junto com outros doidos dava um show na praça.

O filho de um seu Geraldo ficava horas e horas como que fora do mundo, pintando um quadro. O filho da professora era poeta e não fazia outra coisa senão rabiscar um caderno espiral de capa gasta e vivia com a cabeça nas nuvens. Assim, seu Agildo viu tantos malucos pelas noites que chegou a duvidar se era mesmo loucura.

Ele descobriu que existiam outros doidos e tentou adivinhar que espécie de doença é essa que ataca a mente, fazendo com que as pessoas abandonem futuros planejados por caminhos incertos. E nós, até com certa inveja, perguntamos de onde nasce essa força tão grande que faz com que algumas pessoas tenham coragem de optar pela arte.

Glossário

- Alcunha** - Apelido geralmente depreciativo que se põe em alguém.
- Audacioso** - Ousado, corajoso, atrevido.
- Batente** - Trabalho efetivo, com o qual se ganha a vida.
- Bichinha** - Mulher nova, mocinha.
- Blasfêmia** - Palavras que ultrajam a divindade ou a religião.
- Cachola** - Cabeça.
- Capotão** - Bola de couro.
- Cético** - Que duvida de tudo, descrente.
- Confraternização** – Situação em que todos se tratam com afeto, como irmãos.
- Dissabor** - Desgosto, aborrecimento, mágoa, tristeza.
- Dissuadir** - Tirar de um propósito; desaconselhar; desistir.
- Dizimar** - Destruir.
- Embaixada** - Malabarismo ou demonstração de habilidade em que o jogador mantém o controle da bola com o pé, sem deixar que ela toque o chão.
- Empertigado** - Orgulhoso, vaidoso, altivo.
- Envergadura** - Importância, capacidade, aptidão, competência.
- Episódio** - Fato, caso.
- Esubalgados** - Diz-se de olhos muito salientes ou arregalados.
- Escaldante** - Calor excessivo.
- Esmoler** - Mendigo
- Estartalhaço** - Grande ruído, estrondo, ostentação, espalhafato.
- Gabar** - Elogiar, lisonjear.
- Galhofa** - Gracejo, risada.
- Lamúria** - Lamentação, choradeira.
- Partitura** - Conjunto (escrito) das partes de cada voz ou instrumento que contribuem para uma peça musical sinfônica.
- Polido** - Atencioso, delicado, cortês.
- Pregação** - Sermão, discurso maçante.
- Pressagiar** - Prever, adivinhar, pressentir.
- Ressabiado** - Ressentido, ofendido, assustado, desconfiado.
- Santinho** - Pequeno retângulo de papel, de propaganda eleitoral, que traz a foto e o número do candidato.
- Seboso** - Indivíduo sujo, porcalhão, sebento.
- Sorrateiro** - Manhoso; que faz as coisas pela calada, astuto.
- Soslaio** - Olhar de lado, obliquamente.
- Tino** - Intuição; queda; faro.
- Tralhas** - Objetos utilizados em pescarias.



Chegamos ao vigésimo ano do Grupo Projetos de Leitura que iniciou as suas atividades de incentivo à leitura em 1998, com o projeto Encontro com o Escritor. A partir daí vários projetos foram criados e desenvolvidas diversas atividades de incentivo à leitura com a proposta de desmistificar o slogan “brasileiro não gosta de ler” e contribuir para a formação de um Brasil Leitor. Esta foi a força motriz que levou o escritor, cronista e dramaturgo Laé de Souza a criar, entre outros, os projetos de leitura **Ler é Bom, Experimente!, Lendo na Escola, Leitura no Parque, Viajando na Leitura e Dose de Leitura.**

No projeto **Ler é Bom, Experimente!** são doados lotes de 38 a 114 livros a cada escola participante. Os alunos desenvolvem atividades de leitura e criação de textos e no final é publicado uma coletânea com os melhores textos produzidos pelos estudantes. Já participaram do projeto escolas de todos os Estados do Brasil.

O projeto **Leitura no Parque** tem como objetivo proporcionar entretenimento e incentivar o hábito da leitura em parques públicos. O trabalho consiste no empréstimo das obras de autoria do cronista aos visitantes de diversos espaços abertos em São Paulo.

O projeto **Viajando na Leitura** visa oferecer leitura a usuários de transportes públicos e é realizado em terminais rodoviários de ônibus, aeroportos e estações do metrô, com a proposta que após a leitura o livro seja “esquecido” em outro local público.

O projeto **Dose de Leitura** é realizado em parceria com hospitais e direcionado aos pacientes e acompanhantes. São doados aos hospitais um carrinho expositor das obras e um lote de livros.

O projeto **Caravana da Leitura** consiste na venda de livros, a preço simbólico, para estudantes e ao público em geral, nas praças públicas de várias cidades, com a presença do autor e em parceria com as Secretarias de Educação, de Cultura e de Turismo dos municípios.

Obras do Autor



- Quinho
- Radar, o cãozinho
- Bia e a sua gatinha Pammy
- Quem sou eu
- Minha história
- Quinho e o seu cãozinho - Um cãozinho especial
- Quinho e o seu cãozinho - Novos amigos
- Quinho e o seu cãozinho - Férias na fazenda
- Quinho e o seu cãozinho - Acampamento escoteiro
- Nick e o passarinho falante
- Sofia - Ser solidário é dez
- Nick e Bia na Floresta Encantada
- Acontece... (impressão regular e em braile)
- Nos Bastidores do Cotidiano (impressão regular e em braile)
- Espionando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile)
- Acredite se quiser! (impressão regular e em braile)
- Coisas de Homem & Coisas de Mulher

E-mail

laedesouza@projetosdeleitura.com.br

Conheça os projetos

Ler é Bom, Experimente!

Minha Escola Lê

Lendo na Escola

Leitura no Parque

Viajando na Leitura

Dose de Leitura

Caravana da Leitura

Minha Cidade Lê

Leitura não tem Idade

no site:

www.projetosdeleitura.com.br



E-mail: contato@projetosdeleitura.com.br

(11) 2743-9491 – 2743-8400

WhatsApp: (11) 95272-9775

Facebook: facebook.com/projetosdeleitura

Sobre o Autor



Jequeense, radicado em São Paulo há mais de 40 anos, Laé de Souza é cronista, dramaturgo, produtor cultural, bacharel em Direito e Administração de Empresas, escritor de livros dirigidos ao público infantil, juvenil e adulto. Autor de vários projetos de incentivo à leitura e coordenador do Grupo Projetos de Leitura há mais de vinte anos.

Peças teatrais: Noite de variedades, Casa dos Conflitos, Os Rebeldes, Viravolta na vida e Minha linda Ró.

Obras publicadas: Nos bastidores do cotidiano, Acredite se quiser!, Acontece... e Espiando o mundo pela fechadura (impressão regular e em braile), Coisas de homem & coisas de mulher, a série infantil Quinho e o seu cãozinho Radar, Nick e Bia na floresta encantada (bilingue), dentre outros.

Projetos culturais: Ler é Bom, Experimente!, Caravana da Leitura, Dose de Leitura, Viajando na Leitura, Leitura no Parque, Leitura não tem Idade, Lendo na Escola.

Outras ações: Ao longo de sua carreira, Laé de Souza vem desenvolvendo várias ações de incentivo à leitura em todo o país: doação de livros de sua autoria para estudantes de escolas da rede pública, ONGs, hospitais, usuários de transportes coletivos, palestras para professores e estudantes, caravanas e oficinas literárias, distribuição de livros em casas, praças e parques públicos, edição anual de um livro com textos produzidos por estudantes participantes dos seus projetos de leitura.